

ASPECTOS POLÍTICOS NOS FILMES DE OLNEY SÃO PAULO

Samara Medeiros de Oliveira¹; Rubens Alves Edson Pereira²; Claudio C Novaes³

1. Bolsista Fapesb. Graduanda em Licenciatura em Letras com Espanhol. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: smfelicidade15@hotmail.com.

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rubensreap@yahoo.com.br

3. Co-Orientador Voluntário, Núcleo de Estudos em Literatura e Cinema, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: cinema, Olney São Paulo, política.

INTRODUÇÃO

De 1964 a 1985 o Brasil viveu o período conhecido como ditadura militar, esse não foi um período feliz para a grande maioria dos brasileiros pois foi caracterizado pela falta de democracia, censura, perseguição política, repressão contra aqueles que supostamente se indispunha contra o regime e supressão dos direitos constitucionais. Nesse período só foi permitida a existência de dois partidos políticos: MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e ARENA (Aliança Renovadora Nacional). De 1969 a 1974 o Brasil viveu os “anos de chumbo”, época mais crítica da ditadura, o presidente era o general Emílio Garrastazu Medici e este intensificou ainda mais a repressão. Uma severa política de censura foi colocada em execução, jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística foram censuradas. Muitos professores, políticos, músicos, artistas e escritores foram investigados, presos, torturados ou exilados do país.

No mundo da arte, o Brasil acompanhava entre outros movimentos, o Cinema Novo. Este movimento teve início em 1952 e teve como ideal a criação de filmes mais baratos, com cenários próprios da nossa terra e linguagem adequada à situação social da época.

Para melhor compreendermos o Cinema Novo podemos dividi-lo em três fases: A primeira de 1960 a 1964, trazendo filmes mais voltados ao cotidiano e à realidade nordestina, a segunda de 1964 a 1968, trazendo como tema os equívocos da política desenvolvimentista e principalmente da ditadura militar. Nesta fase os filmes também faziam reflexão sobre os novos rumos da história nacional. E a terceira e última fase de 1968 a 1972, fortemente influenciada pelo tropicalismo. Fizeram parte do Cinema Novo, cineastas como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Leon Hirszman, David Neves, Ruy Guerra, Luiz Carlos Barreto e um cineasta até então um tanto desconhecido: Olney São Paulo.

Por fazer parte do Cinema Novo, Olney prezava a criação de filmes mais baratos, há isso acrescia-se o fato que ele não tinha muitos apoios financeiros e sempre em seus filmes tinha que usar do seu próprio dinheiro. Não sobrevivia só da arte, paralelo à vida de cineasta ele trabalhava no Banco do Brasil.

Em umas das tentativas de economizar durante as gravações, no filme *Manhã Cinzenta*, Olney aproveitou um protesto de estudantes que estava acontecendo nas ruas do Rio de Janeiro e levou alguns integrantes da sua equipe para fazer uma cena do filme. A cena, assim como a real, seria de um protesto de estudantes. Durante o protesto a polícia chegou e alguns dos que estavam protestando foram detidos, inclusive membros da equipe de Olney. A cena que eles queriam para o filme *Manhã Cinzenta* já estava gravada e alguém da equipe conseguiu escapar com ela. Tempos depois aconteceu um sequestro de um avião e segundo alguns dos passageiros durante o sequestro foram exibidas cenas do filme *Manhã Cinzenta*. Olney foi então acusado de estar envolvido no sequestro e como consequência sofreu prisão e tortura. O período que Olney passou na prisão trouxe-lhe muito sofrimento pois teve que deixar a esposa cuidando de três filhos ainda pequenos. Quando saiu da prisão, segundo alguns amigos, preferiu não comentar nada sobre o que tinha acontecido e continuar no mesmo ritmo de produção, ou até mesmo acelerar esse ritmo. Foi daí que surgiu o documentário *Pinto vem aí* (1976). Nesse documentário, Olney

conta a história de Francisco Pinto, um deputado feirense, que teve a história de vida bem parecida com a sua.

Chico Pinto, personagem principal do documentário, exerceu quatro mandatos de deputado federal pela Bahia, foi também deputado estadual e prefeito de Feira de Santana, além de se destacar como integrante do grupo autêntico do Movimento Democrático Brasileiro e ser um dos fundadores do MDB Baiano, grupo este que pregava uma oposição ao Regime Militar de 1964.

Chico Pinto foi um homem destemido, nunca escondeu que era contrário ao governo, por essa atitude sofreu perseguição e censura. No documentário *Pinto Vem Aí* ele conta que de doze anos de vida política passou apenas três sem responder processo ou estar na cadeia, fala também de seu sofrimento frente a censura. Segundo ele, de cento e vinte e cinco artigos escritos para o jornal *O Movimento* a censura só aprovou cinco. Chico Pinto em sua fala acrescenta ainda que a situação estava tão crítica que chegou um momento que ele teve que se auto-censurar para assim seus artigos passarem pela censura. Conta também que fez um artigo irônico onde falava bem do governo, e teve esse artigo também censurado. Chico Pinto mostrando sua insatisfação com o momento vivido no Brasil se refere à ditadura como “noite que se abateu ao país”.

Assim como Chico Pinto, e tantos outros nomes importantes da nossa história, Olney São Paulo foi vítima da ditadura militar. Infelizmente hoje em dia ele é pouco lembrado. Mas ao nos inteirarmos de sua história de vida relacionada à sua capacidade profissional, impossível não surgir a curiosidade de conhecer um pouco mais deste artista. Pode-se aproveitar também a oportunidade para conhecer ainda mais o período político que Olney representou, sua linguagem fílmica e o Movimento Cinema Novo.

MATERIAL E MÉTODO

Comecei essas leituras a respeito de Olney São Paulo com o livro de Ângela José *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo* (1999), nele a autora conta toda a história de Olney, desde o nascimento em Riachão do Jacuípe no ano de 1936, passando por toda a sua infância, a morte do pai quando ainda era criança, a mudança com a família para Feira de Santana e o surgimento da sua paixão pelo cinema, até a sua morte por um câncer quando ainda não tinha completado 50 anos. Conta-nos também sobre o seu primeiro contato com uma produção cinematográfica e suas dificuldades para se inserir no campo da cinematografia.

Para conhecer verdadeiramente a obra de Olney também li o seu livro de contos *A antevéspera e o canto do Sol* (1969), bem como assisti os seus filmes que estão disponíveis. Ao escolher o documentário *Pinto vem aí* como meu principal objeto de estudo passei a buscar informações sobre o filme e sobre seu personagem Chico Pinto, bem como aprofundar meus conhecimentos a respeito de documentários, fazendo sempre uma documentação de todas as informações encontradas. Com essas informações em mãos comecei a escrever textos sobre Olney e a política na época da ditadura, também a expor o que eu tinha conseguido por meio de apresentações de trabalhos e oficinas.

DISCUSSÃO

Em *Pinto vem aí* podemos encontrar a visão de Olney sobre a ditadura militar, mesmo depois de ter passado por problemas com o regime militar não teve medo de apresentar sua visão política em seus filmes, apresentou Chico Pinto como figura principal do seu documentário. Podemos perceber com o documentário que Chico Pinto era um homem que não agradava ao Regime e que por isso já tinha sido processado, preso e teve diversos artigos censurados, mas isso não fazia com que ele fosse rejeitado pela população, Chico Pinto ao retornar a Feira de Santana, como apresentado no documentário, é recebido com uma enorme festa, a cidade faz um verdadeiro carnaval para aguardá-lo e Olney faz questão que isso fique registrado para a memória da cidade, mesmo sabendo que isso poderia lhe causar implicações.

Olney São Paulo sempre buscou em suas obras mostrar traços da cultura sertaneja, e com *Pinto Vem Aí*, ele conseguiu fazer uma relação entre realidade e política por se tratar de um documentário biográfico sobre a volta de Francisco Pinto a Feira de Santana, um político que lutou contra o Regime Militar, e ainda inspirou um movimento de contraponto à realidade político-cultural dos anos 70. Por meio deste trabalho somos remetidos a um passado não tão distante da nossa história, podemos através dele também conhecer os aspectos da representação literária e cinematográfica, e do diálogo entre estas duas linguagens.

Os trabalhos sobre Olney São Paulo ainda estão em construção, pois se trata de obra a ser resgatada do apagamento cultural baiano e brasileiro, sendo quase inexistentes reflexões sobre ela, mas é de grande importância resgatar esse legado cultural que esse artista nos deixou, mas que é tão esquecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que é, afinal, o cinema?” Desde muito tempo muitas pessoas tentam responder a essa pergunta e se perdem na imensidão de respostas que ela pode trazer, falando sobre isso no livro *Cinema: entre a realidade e o artifício*, MERTEN (2007) diz: muitos críticos e historiadores...têm tentado colocar o cinema dentro de definições e fórmulas, mas a grandeza do cinema está na sua diversidade. Não há só um caminho para o cinema, ele encerra em si todos os caminhos. O cinema pode ser visto como uma arte que engloba ao mesmo tempo diversão e discussão da realidade, que ao mesmo tempo em que pode nos levar a um mundo de sonhos e fantasias pode nos fazer refletir em uma situação que vivenciamos. Foi desse cinema baseado no real que Olney São Paulo fez parte, cineasta apaixonado pela sétima arte deixou-nos uma grande contribuição no movimento que ficou conhecido como Cinema Novo.

“Nos anos 1960, em plena ditadura militar, Glauber e seus colegas de geração faziam filmes para mudar o mundo. Para fazer filmes politicamente revolucionários, eles achavam que a linguagem também precisava ser revolucionária.”MERTEN (2007). Com esse movimento de cinema novo, os filmes deixam de ser puramente industrial, surgem os filmes de baixo orçamento e renovação de linguagem, filmes em que aparece uma discussão sobre a mentalidade do oprimido no Brasil.

Daí a idéia de Olney São Paulo produzir filmes mais baratos que retratassem a realidade brasileira, o documentário em questão já começa por demonstrar essa linguagem através dos letreiros, todos pinchados em um muro. Geralmente, muros pinchados trás a idéia de revolta, de protesto, então já começamos o filme com um protesto nas entre linhas. O povo está comemorando de forma muito animada a volta de uma pessoa que não era bem vista pelo governo, essa é outra forma clara de protesto. O povo não estava feliz com aquilo que os militares impunham e sim com o que eles afirmavam ser “prejudicial” e por fim os discursos políticos que prometia renovação e a entrevista com Chico Pinto que nos conta sobre seus conturbados anos de política.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Faria de - *Cinema documental; história, estética e técnica cinematográfica*. Edições afrontamento, 1982

CANDIDO, Antonio. *A ficção e confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: 34 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. 5ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, SP.

FIGUERÔA, Alexandre. *Cinema Novo: a onda do jovem cinema e sua recepção*. Campinas: Papirus, 2004.

GROSSMANN; Judith. *Temas da teoria da literatura* - São Paulo: Ática, 1982.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: ÁTICA: 1994

JOSÉ; Ângela. *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo\ por Ângela José*-Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

LABAKI, Amir. Introdução ao documentário brasileiro - São Paulo: Francis, 2006.

MERTEN, Luiz Carlos. *Cinema: entre a realidade e o artifício*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2007

ROCHA; Glauber. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. SP: Cosac e Naify, 2003.

SÃO PAULO, Olney. *A Antevéspera e o Canto do Sol – Contos e Novelas*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.

SIMÔES, Inimá. *Roteiro da intolerância: a censura cinematográfica no Brasil* —São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

XAVIER, Ismail. *Cinema Brasileiro Moderno* - São Paulo: Paz e Terra, 2001

http://www.youtube.com/watch?v=gPU_3TZz9I8 acessado em Fev. 2011